

A PANDEMIA QUE TRASFORMOU EDUCAÇÃO

**GT 6 - ACESSIBILIDADE, INCLUSÃO ESCOLAR, LABORAL E SOCIAL:
RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE CRISES SISTÊMICA.**

Leila da Silva Azevedo dos Reis
*Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá. Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Almerica Ltda e Educação Especial e Inclusiva pela AVM Faculdades Integradas. Professora AEE.
E-mail leilaareis9@gmail.com*

Edicléa Mascarenhas Fernandes
*Doutora em Ciências pela FIOCRUZ, Mestre em Educação pela UERJ, Psicóloga pela UFRJ e Pedagoga pela UNIGRANRIO
E-mail professoraediclea.uerj@gmail.com*

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade relatar sobre a experiência do trabalho da sala de recursos e do professor AEE no contexto de educação remota. Além da parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sobre a supervisão e orientação da doutora Edicléa Mascarenhas. A proposta da parceria seria levar aos alunos bolsistas a vivência inclusão na sala regular e no atendimento AEE do CIEP 071. Destacar de que forma os alunos com deficiências foram impactados com esse novo modelo de educação. Como se deu alfabetização e letramento dos alunos em distanciamento social, bem como a parceria com as famílias nesse contexto.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo foi de caráter qualitativo, com ênfase na observação e avaliação referentes aos processos de interação com as famílias, validação de atividades pedagógicas propostas, bem como o cruzamento de dados e levantamento de informações para traçar um perfil que pudesse ser aplicado e trabalhado junto aos alunos no período de distanciamento social. Sendo assim, buscamos relatar a importância da construção dos conceitos permitindo uma liberdade

e flexibilidade na metodologia proposta no decorrer do percurso, não sendo obrigatória uma resposta única e padronizada. Ancoramos nossas ideias na leitura do livro “reflexões sobre alfabetização” de Emília Ferreiro onde foi deslocada a investigação do “como se ensina” para o “como se aprende”. Morin (2011) afirma que é preciso reconhecer que cada aluno aprende de uma forma, e com um ritmo próprio. Segundo Rosita Edler Carvalho “a inclusão significa que não é o aluno que se molda ou se adapta à escola, mas a escola consciente de sua função coloca-se a disposição do aluno”.

Esta pesquisa apresentou um estudo de caso realizado na Escola Municipal Maximiano Ribeiro da Silva (CIEP 071) localizada na Rua Itararé, 90 - Jardim Iguazu em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense no estado do Rio de Janeiro, na qual sou professora AEE na sala de recursos multifuncionais como a finalidade analisar as atividades pedagógicas não presenciais e as consequências para o atendimento educacional especializado na perspectiva da educação inclusiva.

Em meados de outubro de 2020 iniciamos a parceria com o PIBID sob a coordenação da professora doutora Edicléa Mascarenhas e os alunos bolsistas. A proposta seria um acampamento presencial, mas devido à pandemia tivemos que nos organizarmos da melhor forma possível no virtual. A princípio não foi nada fácil, mas fomos aos acostumando com esse novo modelo. Criamos maneiras de viabilizar essa vivência, que inicialmente parecia um desafio enorme. Gradativamente inserimos os alunos na rotina remota da escola, tiveram acesso as reuniões pedagógicas virtuais, ao facebook do CIEP para acompanhar as atividades postadas pelos professores e o retorno dos alunos. Tivemos encontros virtuais com algumas famílias dos alunos que aceitaram em partilhar suas experiências no modelo remoto, nesses momentos foi possível observar as especificidades de cada aluno, a maneira como cada um interage com o processo de conhecimento, destacando potencialidades.

2. Metodologias e resultados alcançados

Partindo dos conceitos apresentados, o primeiro passo foi criar um canal de contato que fosse de fácil acesso e economicamente viável a todos, sendo assim, escolhemos o Whatsapp e o facebook. A princípio fizemos contato individualmente com os alunos e informamos da criação do grupo para as atividades pedagógicas e a manutenção do vínculo dos alunos com a escola.

Em um segundo momento, pensamos como manteríamos esses contatos ativos e como fomentariamos o interesse pela participação dos alunos e familiares nessas atividades. Criamos parcerias de trabalho com outros professores, encontros virtuais com as famílias,

sorteios e gincanas, premiamos simbolicamente as participações dos alunos e familiares. Fizemos festas temáticas online, aniversários e até show de talentos com os alunos.

Fizemos uma agenda de trabalho dois dias na semana enviaríamos atividades pedagógicas, nos outros dias seriam divididos em sugestões de jogos educativos, vídeos e informações relevantes para os alunos e suas famílias.

Criamos também um canal de escuta e suporte para famílias que estavam passando por perdas familiares e/ou em dificuldades financeiras.

A atividade não presencial por mídia digital requer uma estrutura bem mais complexa que a presencial, pois necessita que cada família disponha de computador com acesso à internet ou um celular com disponibilidade de dados móveis para acessar a plataforma, link, vídeo aula e ou orientações escolares (MASCARENHAS, FRANCO, 2020, p. 5).

Todavia, alguns alunos apesar de nossos constantes esforços ainda não tínhamos conseguido fazer contato para promover o acesso à educação remota e outros ainda que adicionados aos grupos de Whatsapp mas não davam retorno. Sendo assim, em parceria com a professora Shirley de Braille, pensamos de que forma iríamos conseguir chegar a esses alunos e incluí-los. Juntas criamos e patrocinamos kits com uma apostila de atividades adaptadas e materiais escolares com lápis, borrachas, colas, lápis de cera, apontador, tinta guache, massinha entre outros. Marcamos um ponto de encontro e distribuimos o material aos responsáveis, tudo com muita segurança e respeitando as normas de higiene e prevenção do COVID-19, fizemos duas entregas de materiais e apostilas com conteúdos pedagógicos.

Mediante ao exposto, observamos naquela ocasião a satisfação dos responsáveis ao receberem esse material feito com muito carinho para os nossos alunos. O retorno foi surpreendente na mesma semana os alunos que antes não participavam, justamente pelas dificuldades de acesso, seja por falta de internet, por não ter um computador ou um aparelho de celular compatível ou mesmo um pacote de dados que possa baixar conteúdo e arquivos ou participar de encontros virtuais. Agora tendo a disposição apostilas e os materiais básicos que vieram no kit, começaram a realizar as atividades e enviar fotos das tarefas quando conseguem ter acesso a internet. Regularmente mantemos contato pelo telefone ou via WhatsApp, falamos da rotina dos alunos, esclarecemos dúvidas e consolidamos nosso vínculo mesmo no distanciamento social.

Para consolidação desse paradigma, entretanto, é preciso reconhecer que cada aluno aprende de uma forma, e com um ritmo próprio (MORIN, 2011). Isso significa dar oportunidades para todos aprenderem os mesmos conteúdos, fazendo as adequações

necessárias do currículo. O êxito da inclusão escolar depende, dentre outros fatores, da eficiência no atendimento à diversidade da população estudantil (CARVALHO, 2004).

Fizemos chamadas de vídeos, encontros, brincadeiras e festas virtuais. Usamos aplicativos como nunca e a tecnologia passou de vilã para nossa aliada. O que faríamos durante todo esse tempo se não fosse por conta da tecnologia? Computadores e celulares que antes competiam com o professor na sala de aula se transformaram em grandes recursos pedagógicos para educação diminuindo o distanciamento social e viabilizando acesso aos conteúdos. Os pais e responsáveis passaram a ser nossos grandes parceiros na educação e no processo de interação com nossos alunos. Certamente que se esses pais e familiares não tivessem acreditado em nosso trabalho nada do que ocorreu teria sido possível. Era tudo novo e imagina para muitos responsáveis que se tornaram repentinamente professores dos filhos em tempo integral e na maioria das vezes sem o conhecimento necessário. Observando as dificuldades eminentes nesses primeiros momentos investimos em atividades bem lúdicas e intuitivas com foco em habilidades de vida diária, coordenação motora, atenção e concentração. Iniciamos fazendo alguns vídeos ensinando as atividades, depois fomos diversificando com fotos e sugestões criativas pesquisadas na internet. Utilizamos muitos materiais reciclados que poderiam ser encontrados facilmente no ambiente da casa. Fizemos quadros de rotina para organizar os alunos no tempo e no espaço já que os dias em casa se prolongavam a cada momento. Dividimos dias e horários para envio de atividades e retorno dos pais e responsáveis. Observamos que nossos laços começavam a se estreitar e o ambiente virtual ia ficando menos desafiador para as famílias. Começamos a falar de diversos assuntos, auxiliar e orientar possíveis dificuldades que poderiam surgir, dúvidas sobre o auxílio do governo, entrega de cestas e cartões de alimentos realizados pela prefeitura. Alunos que ficaram doentes e seus familiares que estavam hospitalizados, conseguimos ajudar aqueles que tiveram dificuldades financeiras ou mesmo que não conseguiam ter acesso aos remédios para o tratamento de seus filhos, nossas relações foram ficando cada vez mais amistosa e bem próxima das famílias, mas mesmo assim havia aqueles que se mantinham mais reservados e com poucos retornos.

Em relação às atividades propostas fomos aos poucos conhecendo e identificando qual a melhor forma de atuar com nossos alunos e familiares no ambiente virtual. Percebemos que como na sala de aula presencial, era necessário individualizar atividades para determinados alunos conforme suas especificidades. E assim fizemos, dividimos as atividades por grau de complexibilidade e explicamos para os pais e responsáveis a real necessidade desse processo para o progresso do aluno.

A parceria colaborativa com familiares tem como principal benefício tornar a família peça chave na busca por uma educação de qualidade. Desta forma, a família deixa de ser um problema e passa a ser parte da solução para muitos desafios enfrentados no processo de inclusão escolar. Outros benefícios podem ser elencados, tais como, aprendizado de novas e mais eficazes estratégias para disciplinar os filhos; compreensão das intervenções desenvolvidas no ambiente escolar e diminuição das tensões que envolvem a criação e educação dos filhos (KAMPWIRTH, 2003).

Como já dissemos anteriormente, iniciamos com vídeos que foram produzidos por nós professores, muitos ainda cheios de timidez e bem robóticos, falo isso fazendo referência a minha pessoa. Pois levei um tempo para me acostumar e realizar as atividades de forma mais natural e criativa. Depois comecei a pesquisar na internet e me inteirar de vários programas e aplicativos que facilitavam a criação, elaboração e adaptação de atividades. Descobrimos que quanto mais criativo, objetivo e compacto tornavam-se mais fácil à interação das famílias e dos alunos com os conteúdos enviados.

CONCLUSÕES

Estudamos, pesquisamos e criamos como nunca, superamos nossos desafios pessoais e nos colocamos a prova. Muitos professores não tinham grandes conhecimentos tecnológicos, sabiam somente o básico, mas isso não era suficiente, agora tudo se tornou virtual, as aulas, o contato com nossos alunos dependia desses conhecimentos. Fomos à luta e arregaçamos as mangas e aprendemos como nunca em tão pouco tempo. Viramos youturbes, blogueiras, fizemos lives, encontros e festas virtuais, tudo ao mesmo tempo.

A nossa casa transformou-se em uma extensão da sala de aula, invadimos a rotinas das famílias, entramos em suas casas e elas em nossas. Foi e está sendo uma incrível e desafiadora experiência, aprendemos muito com as dificuldades que foram surgindo, ficamos com medo, nos subestimamos e em muitos momentos pensamos que não daríamos conta. Mas o senso de responsabilidade com nossos alunos e o compromisso com a educação foram maiores que os medos. O sentimento de vitória a cada etapa vencida, conhecimento novo adquirido e transmitido aos nossos alunos foram e são extremamente gratificantes e nos revitalizam para continuar seguindo e aprendendo sempre.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.

MASCARENHAS, Aline Daiane Nunes; FRANCO, Amélia do Rosário Santoro. Reflexões Pedagógicas em tempos de Pandemia: Análise do Parecer CNE 05/2020. Revista Olhar de professor. Ponta Grossa, v. 23. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/16011/209209213645>.

Acesso em: 01 de out. de 2020

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.